

Convidado do Programa Aprofundamento da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Wagner Barja apresenta "Arapucas Semânticas", projeto contemplado pelo Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais - 8ª edição.

Programa Rede Nacional Funarte  
Artes Visuais - 8ª edição.



O AKD MICO  
O POLE MICO  
O ENDE MICO

" O Programa Aprofundamento, coordenado por Anna Bella Geiger, e com os professores Fernando Cocchiarale e Marcelo Campos, é anual e gratuito. Destina-se a artistas e pesquisadores com mais de 21 anos e com processo de trabalho consolidado, que busquem o aprofundamento de sua formação e o desenvolvimento de uma visão crítica sobre sua produção. Durante o Programa são realizados encontros semanais para avaliação e discussão da produção dos alunos, além de debates e de palestras com convidados."



ARAPUCAS SEMÂNTICAS

Escola de Artes Visuais do Parque Lage  
4 de junho de 2012, 19h, Salão Nobre

Rua Jardim Botânico, 414,  
Jardim Botânico, Rio de Janeiro - RJ  
Telefone 55 21 32571800



## ENTRE A CADEIA ALIMENTAR, O CÓDIGO LINGUÍSTICO E O CÓDIGO FLORESTAL.

Marília Panitz

**Cena 1** (repetida inúmeras vezes, durante anos): Sentada na sala da casa de minha comadre, na Rua Araucária, Jardim Botânico, Rio de Janeiro, vizinha ao Parque Laje, fico observando o vai e vem dos micos, nos fios elétricos da rua. No meio da metrópole, eles ainda garantem, para si, certo lugar... de equilibristas (nesse caso, e seguindo a lógica de Wagner Barja, aqui estes equilibristas seriam... epidêmicos).

**Cena 2:** em fevereiro, no Parque Laje, vendo a instalação de João Modé, entro na mata. Já tendo recebido o convite para escrever este texto, aproveito para procurar micos... os muitos que sei, vivem ali. Nenhum se apresenta. Ao contrário da rua, onde eles se deixam observar, em suas trilhas retilíneas, aqui eles se mimetizam (em sua incidência endêmica no microambiente).

Penso em palavras e linhas.

**AKD MICO** e **POLE MICO** são dois trabalhos – “obranome” – de Barja, produzidos pela primeira vez em 1986. Eles deram nome a uma exposição do artista na Galeria Cândido Mendes – “**DO A K D MICO AO POLE MICO**”.

**ENDE MICO** é novo. Surge para a intervenção proposta para o Parque Lage.

Com os pressupostos da efemeridade e da invisibilidade, essa ação conjunta de deglutição da língua portuguesa empreendida pelos micos (na qualidade de animais comedores de banana e de sufixos, do ponto de vista da morfologia linguística) provocada pela “arapuca semântica” construída por Barja, o que nos é dado a ver é o registro em tempo real e com documentação *a posteriori*, capturado por câmeras de segurança, da composição das palavras e seu posterior desaparecimento com a intervenção de seus sufixos/símios.

Volto então aos fios/linhas/trilhas da Rua Araucária. Penso em escritura e em inscrições, tantas vezes imaginadas pelo habitante da cidade, quando confrontado com um céu recoberto de redes elétricas. Penso na separação e justaposição entre natureza e cultura que a obra provoca. As duas primeiras equações poéticas (as mais antigas) trazem em si o signo do discurso, a relação direta com as letras articuladas em significados. Poderíamos falar inclusive de uma pendulação entre a tese (desenvolvida dentro da *academia*) e a antítese (gerada a partir da anterior e criando a *polêmica*). Sem dúvida, adjetivos que nomeiam características dentro do campo da linguagem verbal. Mas, a terceira pode ser um desvio de rota: *endêmico* associa-se à contaminação. Às questões biológicas e biogeográficas. No jogo de pares opositivos, adivinhamos o futuro aparecimento do *epide mico*. Com a nova arapuca, parece haver uma maior aproximação ao ato que realiza a obra. Deslocando-se da cadeia de sentido para a cadeia alimentar, ele evoca mais diretamente o que se vê no vídeo documento: a materialidade da escrita alimentando a si mesma (às próprias custas) “Yes, nós temos bananas...”. Ainda temos?

A concretude das letras as sujeita ao ato inaugural da modernidade na arte brasileira, aquele que a partir da semana de arte moderna de 22, configurou-se em Manifesto. Subvertido pela proposta poética do artista – da organização do quadro-arapuca à documentação da atração que as bananas exercem sobre os micos – traveste-se em antropofagia oswaldiana. A obra desaparece para poder realizar-se. Paradoxo que passa a ter desdobramentos na nova apresentação das pequenas equações semânticas. As palavras, antes de sua deglutição, são congeladas e reproduzidas em gravuras (congelamento do ato, *memento mori*). Em sua configuração inicial (de 1986), as duas primeiras obras foram apresentadas como performance em ato – ou seja, os micos foram levados para dentro da galeria.. Comer a ideia que encarnavam era algo que poderia ver ao vivo e a cores (se as frutas/letras apeteçassem aos animais. Agora, Barja nos oferece a performance da (auto) destruição capturada na mata em torno do casarão. Poesia que se faz na concretização mais básica de manutenção da vida. Do ponto de vista conceitual, também parece haver um deslocamento: se em sua configuração primeira elas eram possibilidades poéticas; aqui, a ênfase se desloca para a documentação do ato (real e metafórico). Naquilo que nos induzia a uma espécie de resolução da charada, agora nos convoca a tomar um tempo (às vezes tão longo quanto o dos pesquisadores de campo) de sermos testemunhas oculares da transformação metafórica, centro da produção poética (verbal ou imagética).

Bom apetite!

## Sinopses dos registros das ações:

### Manga Boceta

Performance no Museu de Arte do Pará após sua restauração.  
2006, 2min31



### A Vitória do Gallo

Intervenção em Cachoeiro do Arari, com a participação de 350 ribeirinhos durante o processo de ocupação de áreas privadas improdutivas.  
2005, 5min38



### O Despacho na Duna

Trata do deslocamento do fazer burocrático de uma instituição cultural de Natal - RN, para a Duna da Ponta Negra.  
2005, 2min59



### O Galpão da Ribeira

Intervenção em galpão desativado na Praia da Ribeira Natal - RN.  
2005, 2min48



### Arapucas Semânticas

bio/intervenção que experimenta com animais, frutos e palavras na mata tropical.  
2012, 5min44

